



## ASPECTOS FONOLÓGICOS PECULIARES À LÍNGUA FALADA PELOS NAMBIKWARA KATITÄULHU DA TERRA INDÍGENA SARARÉ/PAUKALIRAJAUSU

Sérgio Beck de Oliveira (PPGL/UNEMAT) – [sergio.oliveira@unemat.br](mailto:sergio.oliveira@unemat.br)  
Dr. Wellington Pedrosa Quintino (PPGL/UNEMAT) – [wellington.quintino@unemat.br](mailto:wellington.quintino@unemat.br)  
GT 1: Culturas Escolares e Linguagens

### Resumo:

Esse projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso cuja linha de pesquisa é Estudos de Processos Descritivos, de Análise e de Documentação de Línguas Indígenas, intitulado de ASPECTOS FONOLÓGICOS PECULIARES À LÍNGUA FALADA PELOS NAMBIKWARAS KATITÄULHU DA TERRA INDÍGENA SARARÉ/PAUKALIRAJAUSU, objetiva analisar aspectos fonológicos peculiares da língua falada pelos Nambikwara Katitãulhu da Terra Indígena Sararé/Paukalirajausu, os quais se autodenominam *Anÿsu* ou *Anÿa* e situam-se no Município de Conquista D'Oeste - MT. Pretende, ainda, dar visibilidade a língua falada pelos mesmos e sensibilizar a sociedade não indígena quanto aos saberes Katitãulhu visando o reconhecimento da língua *Anÿa* usada nos diversos espaços de usos sociais. A metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa é baseada em registros etnográficos que ocorreram durante um período de vinte anos (1998 a 2018) na Terra Indígena Sararé, região do Vale do Guaporé, no município de Conquista D'Oeste-MT. Durante esse tempo vários materiais foram produzidos junto ao povo, como gravações de falas, músicas, materiais pedagógicos em língua materna, escritas de músicas entre outros materiais. Por meio desses materiais foram elaboradas as transcrições fonéticas e possibilitadas as análises fonológicas da língua Nambikwara falada pelo subgrupo Katitãulhu. Pretendeu ainda apoiar a comunidade indígena com o registro de estudo fonológico da língua materna. Este trabalho procurou se basear no levantamento de dados transcritos através do Alfabeto Fonético Internacional e em análises fonológicas das informações transcritas na língua do povo indígena do Sararé, os Katitãulhu. Ao optar-se por realizar transcrições fonéticas e análises fonológicas, o projeto contribuiu para compreender aspectos da família linguística Nambikwara, especificando as singularidades da língua falada pelos Katitãulhu. Os resultados da presente pesquisa possibilitam documentar a língua e promover futuros estudos na academia.

Palavras-chave: Fonologia. Língua Nambikwara. Subgrupo Katitãulhu.

### 1 Introdução

O Vale do Guaporé é território de ocupação tradicional da nação indígena Nambikwara cuja cultura promove a organização de subgrupos caracterizados por distinções linguísticas e valores cosmológicos que definem e ao mesmo tempo são definidos pelas coletividades indígenas (BOGLÁR, 1961, p. 85 *apud* NETO, 2018).

O subgrupo Katitãulhu habita a Terra Indígena Sararé/Paukalirajausu no município de Conquista D'Oeste no Vale do Guaporé. Em meio a densas matas fazem roças, caçam e coletam frutas e mel, além de praticar eventuais pescarias no tempo da seca; com introdução

de algumas tecnologias “*kajada*” (não índio) tudo ocorre nos padrões indígenas ancestrais (NETO, 2018, p. 64-65).

O contato amistoso com o “branco” (*kajada*) ocorreu em 1955 quando, conforme relata a senhora Jane Bringsken, um grupo dos referidos índios adentrou a cidade de Vila Bela e pacificamente se detivera no “Palácio Velho”. Vários Vilabelenses contaram que foi a primeira vez que os índios entraram na cidade sem provocar conflitos ou morte. Foi então que, entre 1958 e 1959, o pastor Gustavo Adolfo Bringsken, fundador da ONG MCB (Missão Cristã Brasileira), após 4 jornadas que duravam cerca de 20 dias a partir de Vila Bela da Santíssima Trindade, empreendidas a pé e seguindo o curso do rio Sararé, na 5ª tentativa o pastor e sua equipe se depararam com os indígenas e com eles permaneceram alguns dias. Naquela época estavam concentrados em dois aldeamentos, um na Serra da Borda e outro nas proximidades do rio Sararé, bem próximo de onde é a atual Aldeia Sararé Central.

Nos dias atuais aquelas famílias indígenas se organizam em sete (07) aldeias na Terra Indígena Sararé/Paukalirajausu. E foi a Aldeia Sararé Central que sediou a inserção da minha pessoa e da minha esposa Rita Beck junto aos *Anĩsu* da TI Sararé/Paukalirajausu.

Naqueles primeiros anos de construção do modelo de educação escolar os indígenas e os professores atravessaram dias de alegrias e de conflitos. Alegrias ao vislumbrar os saberes da cultura indígena e o nítido aprendizado e empenho que os alunos apresentavam, e conflitos devidos a choques de valores no processo de adaptação que foram ocorrendo e que era imprescindível no diálogo entre as duas culturas envolvidas. Foi um período em que a escola contou com intenso apoio, especialmente linguístico, do casal Bárbara e Menno Kroeker que residiam em Vilhena e estavam concluindo a gramática da língua Nambikwara.

A comunidade *Anĩsu* tinha pressa para aprender a tão almejada e muito buscada aprendizagem escolar cujo foco naquele período era o domínio da leitura e da escrita. Havia ainda o inevitável receio de que tudo fosse *kihá* (mecanismo cognitivo promotor de desconfiança e enganação, ativado mediante tensões emocionais que provocavam rupturas e impedimentos entre os membros da comunidade escolar), pois até aquele momento o experimento de escola não produziu resultado comprovado por um *Anĩa*, portanto permanecia tudo no domínio do “branco”, que é o *kajada*; isso provocava uma efervescência do *katã* (mecanismo cognitivo promotor de desejo de vingança ativado mediante tensões emocionais que provocava e/ou acirrava conflitos entre os membros da comunidade escolar). Este

processo, aqui chamado de adaptação, atingia os professores constantemente, e esporadicamente, também chegava no corpo gestor.

A alfabetização nas aldeias acontece em língua indígena desde sua implantação, sendo uma construção conjunta entre professores, alunos e comunidade. Está sempre expressou o interesse do aprendizado da Língua Portuguesa para facilitar os contatos formais e informais com a sociedade envolvente, seja na elaboração de documentos, na defesa de suas terras, na administração de seus próprios projetos de vida, no gerenciamento de suas terras, na luta contra a dominação, na conquista da autonomia e na reafirmação da identidade cultural.

Assim sendo, a escola deverá tratar de assuntos que valorizem a língua e a cultura, assegurem a autoafirmação do povo, preservem ou transformem seus próprios valores, saberes e jeitos de viver, auxiliem na expressão oral e escrita da língua materna e portuguesa, além de contribuir com a construção de conhecimentos universais necessários aos projetos de vida das comunidades.

## 2 Desenvolvimento

Ao propor esse projeto, que visa analisar o material que foi coletado durante o trabalho de produções escritas na língua do povo da Terra Indígena do Sararé, possibilita-se refletir sobre o conceito, por exemplo, de língua e linguagem. Quando Saussure (2006) diz que “os costumes duma nação têm repercussão na língua e por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a nação” é possível entender que através da língua e das linguagens (fala, música, dança, contos, cantos, pinturas e outras) se pode enxergar uma sociedade e suas maneiras de ver o mundo em suas nuances.

Assim como expõe Oliveira (2018) ao comentar que “por diferenças linguísticas ou, também, por questões socioculturais, os próprios grupos lutam por um respeito mútuo às suas singularidades” os Katitãulhu apresentam algumas diferenças linguísticas e fazem questão de evidenciar tais nuances tanto na fala como na escrita. É o que ocorre quando um Nambikwara Katitãulhu diz *wakalontula* (vá trabalhar) e um Nambikwara do Cerrado diz *wakondula*. Ainda que sejam expressões entendíveis entre os referidos grupos, os Katitãulhu exigem que sua escrita representa, o melhor possível, as características de sua fala.

A linguagem é o ato comunicativo, maneiras de se comunicar de um determinado povo, a língua por sua vez se aperfeiçoa dentro de uma determinada cultura, por meio dos atos comunicativos, num contexto comunicativo.

Ao analisar uma determinada língua, analisa-se uma cultura, dessa forma segundo Saussure (2006) “os costumes de uma nação têm repercussão na língua e por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a nação”.

Compreende-se então que segundo essa citação, a língua representa uma cultura. Dessa forma a importância da língua falada e escrita se faz necessária para a permanência de uma cultura. Segundo Maia (2006):

O cognitivismo propõe que a mente humana não seja vista como uma caixa vazia, como queriam os comportamentalistas, mas seja rica em estrutura, composta por diferentes órgãos, cada um com uma função. Um desses órgãos é exatamente a faculdade da linguagem que, se bem estudada, pode nos dar a chave para entender a gramática de todas as línguas faladas no mundo e pode ser um espelho para a própria mente humana. (MAIA, 2006, p 26).

Segundo Moita Lopes (2006, p. 238), nos diz que as identidades são construídas através da linguagem. Por isso se faz importante nesse momento compreender e conceituar os termos língua e linguagem.

A história dos povos indígenas no Brasil principalmente relacionado a permanência das línguas nativas foi de muita repressão, assim segundo Maroldi, (2017), comenta que:

No tocante, os índios eram alfabetizados em sua língua materna e progressivamente era introduzido o aprendizado da língua portuguesa. Porém, com o tempo, foram muitas as dificuldades encontradas na execução da proposta do bilinguismo entre os indígenas em virtude principalmente da falta de professores capacitados em dominar as inúmeras línguas indígenas existentes. Assim, em 1970, a FUNAI firma um convênio com a *Summer Institute of Linguistics* (SIL), para ampliar o “desenvolvimento de pesquisas para o registro de línguas indígenas, à identificação de sistemas de sons, elaboração de alfabetos e análises das estruturas gramaticais”. ((MAROLDI, 2017, p. 32).

Segundo Netto (2018)

A Família Linguística Nambikwara é constituída por um conjunto de mais de 18 dialetos, os quais podem ser arrançados em três ramos distintos: Nambikwara do Norte, Nambikwara do Sul e Sabanê, cujas etnias se encontram plenamente em território brasileiro, na porção amazônica dos estados de Mato Grosso e Rondônia. O Ramo Nambikwara do Sul compreende um complexo linguístico formado por mais de uma dezena de dialetos, os quais podem ser arrançados, de acordo com Telles (2002), em quatro grandes grupos, a saber: 1) Campo, 2) Manduca, 3) Guaporé e 4) Sararé.

O termo Nambikwara, segundo Carelli (1990) foi retirado dos auxiliares de Rondon provavelmente Tupi, significa “orelha furada”, eles são vistos como o povo da cinza, devido a serem acostumados a dormir sobre elas para se aquecerem do frio. O tronco linguístico

pertencente a essa nação é único. São divididos em 3 grandes famílias: os Nambikwara do Cerrado, que habitam a Chapada dos Parecis; os da Serra do Norte; e os do Vale do Guaporé.

A sociedade indígena “Katitãulhu” iniciou seu contato com a sociedade não-índia por volta do século XVIII. Esse contato se deu com a intenção de adquirir ferramentas agrícolas quando da fundação da Vila Bela da Santíssima Trindade. A partir desses contatos a população sofreu suas consequências e conforme relata Almeida (2001, p. 06)

nos anos 70 a população do Sararé sofreu intensa dizimação em consequência de epidemias e confronto com invasores...os sobreviventes, menos de 50 pessoas, estão hoje em ascensão demográfica quase dobrando a população. (ALMEIDA, 2001, p. 6).

Tal contato se deu obrigatoriamente quando os “Katitãulhu” perceberam que suas terras estavam sendo invadidas por fazendas pecuaristas.

A legislação brasileira instrui quanto à importância de se estabelecer um currículo diferenciado nas escolas indígenas. Dessa forma, Luciano, 2006, p 168 comenta que

a proposta de educação escolar indígena diferenciada vem cumprindo a sua função, chamando a atenção da sociedade brasileira e dos povos indígenas em particular para a necessidade de se repensar o papel da escola no passado, no presente e no futuro.

O projeto almeja colaborar com a sociedade indígena e com pesquisadores no sentido de possibilitar organizar a documentação já existente e analisar o processo da construção da língua escrita da etnia Nambikwara da Terra Indígena Sararé/ Paukalirajausu.

Conforme Carelli (1980, p.15),

O povo Nambikwara em geral é dividido em três grandes famílias: os Nambikwara do cerrado, que habitam a chapada dos Parecis; os da Serra do Norte; e os do Vale do Guaporé. A população estimada por Rondon no começo do século era de 20.000, sendo agora reduzidos a pouco mais de 1000 indígenas.

Segundo Kroeker, (2006):

O povo Nambikuara é composto de diversos grupos, cada um dos quais é conhecido por seu próprio nome. Todos eles, contudo, falam uma variante dialetal da mesma língua, mutuamente inteligível com todas as demais variantes. Muitos grupos já se tornaram extintos. Entre os grupos ainda existentes, contam-se os seguintes do vale do Rio Guaporé: ha<sup>3</sup>hãi<sup>1</sup>te<sup>2</sup>su<sup>2</sup>, a<sup>3</sup>lãn<sup>1</sup>te<sup>2</sup>su<sup>2</sup>, wai<sup>2</sup>ki<sup>3</sup>su<sup>2</sup>, wa<sup>3</sup>su<sup>3</sup>su<sup>2</sup>, e ka<sup>3</sup>ti<sup>3</sup>tu<sup>3</sup>lhu<sup>2</sup>. Ao longo dos afluentes do Rio Jurueña no Planalto Parecis habitam os seguintes grupos: ne<sup>3</sup>su<sup>2</sup>, si<sup>3</sup>wxai<sup>3</sup>su<sup>2</sup>, ki<sup>3</sup>thãu<sup>3</sup>lhu<sup>2</sup>, sax<sup>3</sup>wen<sup>3</sup>te<sup>2</sup>su<sup>2</sup>, ha<sup>3</sup>lo<sup>2</sup>te<sup>2</sup>su<sup>2</sup> e wa<sup>3</sup>ka<sup>3</sup>li<sup>3</sup>te<sup>2</sup>su<sup>2</sup>. (KROEKER, 2006, p. 4)

Um fator relevante de se levar em conta ao abordar a importância do registro da língua indígena do Sararé, apontado por Oliveira (2018) é que

O número reduzido de indígenas Nambikwara é bastante significativo, entendendo-se que a dinâmica de contato fez com que muitos grupos perdessem expressões culturais e linguísticas. A decaída populacional ocasionou, possivelmente, a união de diversos grupos, com o intuito de evitar a sua extinção. (OLIVEIRA, 2018, p. 23).

Entende-se então que tais sociedades não podem ser despercebidas no que se refere aos processos próprios de conhecimento, principalmente no que se refere a língua falada, aliás, é necessário que educadores e pesquisadores reconheçam tais conhecimentos, tendo em vista o vasto conhecimento de tais povos.

Este trabalho deverá ser desenvolvido com base em levantamento de dados transcritos foneticamente através do Alfabeto Fonético Internacional e em análises fonológicas das informações transcritas. Cagliari (2006) evidencia a importância do trabalho fonético e fonológico para a ortografia de um idioma quando diz que

A Fonética sempre esteve ligada aos estudos linguísticos, como mostram as gramáticas antigas. Com F. de Saussure, houve uma ruptura teórica, mas não prática. Tanto isso é verdade que foi justamente dentro da abordagem estruturalista que a Fonética teve seu desenvolvimento mais significativo. Logo após a metade do século XX, surgiram as propriedades distintivas na fonologia, com os trabalhos de um linguista (R. Jakobson), de um engenheiro (G. Fant) e de um fonólogo (M. Halle), unindo as características articulatórias, auditivas e acústicas dos sons. Essa foi uma ponte importante entre a Fonética e a Fonologia. A partir de então, a Fonética passou a se preocupar de modo mais estreito com outros níveis da análise linguística.

Relevante ainda apontar que

A língua, então, não é mais apenas o lugar onde os indivíduos se encontram; ela impõe também, a esse encontro, formas bem determinadas. Não é mais somente uma condição da vida social, mas um modo de vida social. Ela perde sua inocência. Deixar-se-á, portanto, de definir a língua, à moda de Saussure, como um código, isto é, como um instrumento de comunicação. Mas ela será considerada como um jogo, ou melhor, como o estabelecimento das regras de um jogo, e de um jogo que se confunde amplamente com a existência cotidiana (DUCROT, 1987, p. 12).

Diante do exposto de toda essa construção da estrutura linguística e registros da língua do povo Katitãulhu, e tendo em vista que se desvenda uma cultura através da língua, há que se levar em conta que um projeto que visa registrar cientificamente análises da língua do povo Katitãulhu se fez necessário. Por isso, com apoio da comunidade indígena e incentivo dos mesmos, me propus a ingressar no mestrado em Linguística da Unemat para apoiar o anseio das aldeias no intuito de fortalecer a identidade do povo Katitãulhu com estudos da língua apoiado pelo projeto denominado de “Aspectos fonológicos peculiares à língua falada pelos Nambikwara Katitãulhu da terra Indígena Sararé/Paukalirajausu”. Este objetiva auxiliar o processo da construção da língua escrita dos Anãsu da Terra Indígena Sararé/ Paukalirajausu no Município de Conquista D’Oeste em MT.

### 3 Considerações

Os resultados da presente pesquisa devem contribuir para a documentação da língua, objeto de estudo, supracitada, bem como a sua manutenção linguística. Deverá, ainda, fornecer material de pesquisa para que outros estudos comparativos e tipológicos subsequentes para a família linguística Nambikwara sejam conduzidos, os quais poderão respaldar, além da documentação e preservação linguística prevista no âmbito da justificativa, o efetivo reconhecimento da língua dos Anãsu nos diversos espaços de ocupação e interação local, nacional e mundial do povo. Poderá contribuir, também, com o ensino de língua materna nas escolas indígenas da comunidade e com a produção de materiais didáticos.

### Referências

- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Trad. revisada por Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- ALMEIDA Neto, Prudente et.al. **Prostraré-projeto de gestão territorial e de economia e Etnoambiental na Terra Indígena Sararé**. Cuiabá:FUNAI,2001, p.5-10.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Fonética: uma entrevista com Luiz Carlos Cagliari**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. v. 4, n. 7, agosto de 2006.
- CARELLI, Vincent et.al. **Mão branca contra o povo cinza: Vamos matar este índio?** Brasil Debates. Centro de trabalho indigenista.1990.
- KROEKER, H. Menno. **GRAMÁTICA DESCRITIVA DA LÍNGUA NAMBIKUARA**. Primeira edição em português 2003. Sociedade Internacional de Linguística – SIL: Cuiabá, 2003.
- MAIA, Marcus. **Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.
- MAROLDI, Alexandre Masson. **Estudos bibliométricos sobre educação indígena: frente de pesquisa, vida média e obsolescência da literatura citada em teses e dissertações**. São Carlos: UFSCar, 2017.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- NETTO, Luiz Antonio de Sousa. **Fonologia do grupo Nambikwara do Campo (Nambikwara do Sul)**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2018.
- OLIVEIRA, Alex Feitosa. **Línguas Conviventes: Aspectos Sociolinguísticos na Aldeia Três Jacus – comunidade Wakalitesu/Nambikwara**. Cuiabá: UFMT, 2018

SAUSSURE, Ferdinand de, 1857-1913. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.